

# A interação mãe-bebê ao longo dos dois primeiros anos de vida do bebê

DANIELE MARIA KLEIN\*

BRUNA DETONI\*\*

SCHEILA MACHADO DA SILVEIRA BECKER\*\*\*

---

**RESUMO** - O presente estudo investiga as características da interação da díade mãe-bebê, ao longo dos dois primeiros anos de vida do bebê, utilizando como método uma análise longitudinal da interação mãe-bebê. Esta interação foi filmada aos 8, 14 e 20 meses do bebê e demonstra que a mesma se tornou mais complexa, com episódios interativos mais longos e maior repertório de comportamentos. Além disso, foi possível acompanhar a construção da forma particular da díade interagir, com a continuidade e a modificação de alguns comportamentos. Tal observação trouxe maior compreensão acerca dos aspectos relacionados à interação em momentos diferentes do desenvolvimento da díade, evidenciando a mútua regulação entre mãe e filho, na qual ambos assumem papel importante na interação e participam ativamente das trocas. Desta forma, possibilita-se que o bebê manifeste suas necessidades e emoções e que a mãe responda ao filho.

**PALAVRAS-CHAVE** - Interação mãe-bebê. Desenvolvimento infantil. Comportamentos maternos.

## **The mother-baby interaction through the first two years of baby's life**

**ABSTRACT** - This study investigates the mother-baby interaction for the first two years of the baby's life, with a longitudinal analysis of the mother-baby interaction as a method. This interaction was recorded at 8, 14 and 20 months old, and shows that it became more complex, with longer interactive episodes and more behavioral repertoire. Besides that, it was possible to follow how the interaction of the duo was particularly built, keeping and changing some behaviors. Such observation brought more comprehension about some aspects related to the interaction during different moments of the duo development, indicating a mutual self-regulatory relationship between mother and baby, where both have an important role in this interaction and participate actively in it. This will allow the baby to express his needs and emotions, and for the mother to respond to her child.

**KEYWORDS** - Mother-baby interaction. Child development. Maternal behaviors.

---

\* Psicóloga (FACCAT)

\*\* Psicóloga, Mestranda em Psicologia Social (PUC/RS), especialista em Psicoterapia da Infância e Adolescência pelo CEAPIA, Especialista em Psicoterapia de Casal e Família DOMUS.

\*\*\* Psicóloga, Doutora em Psicologia (UFRGS), Mestre (USP), aluna do 1º ano do curso de Especialização em Psicoterapia da Infância e Adolescência do CEAPIA.

Ao longo da história da Psicologia e, em especial da Psicanálise, muitos foram os estudiosos que se interessaram pela interação entre a mãe e seu filho e suas possíveis consequências para o desenvolvimento infantil.

Bowlby (1989) passou a buscar explicações para o vínculo especial que se estabelece entre mãe e o bebê e encontrou suas primeiras respostas nos estudos de Lorenz, que concluiu que em alguns animais o vínculo ocorria sem a necessidade do alimento. Desde as evidências do experimento de Harlow com macacos *rhesus*, que tinham à disposição um boneco-mãe de arame com mamadeira e um boneco-mãe de pano, verificou-se que os macacos preferiam a mãe macia, indicando que o contato físico torna-se mais essencial para o vínculo do que a necessidade do alimento. A partir disso, Bowlby (1989) formulou a teoria do apego, definindo-o como um tipo de vínculo, no qual a criança busca segurança em relação a uma ou mais figuras de cuidado. Com base na teoria do apego, muitos estudos buscaram descrever as características que o cuidador deveria apresentar para estabelecer um apego seguro, por exemplo, sendo sensível, compreensivo, e se envolvendo emocionalmente com o bebê, para que pudesse desenvolver afinidade e envolvimento assertivo com este. (Ribas & Moura, 2003).

Outra maneira de entender a relação entre mãe e bebê, nos anos iniciais, é através do processo de separação-indivuação e suas quatro subfases, proposto por Mahler (1982). A primeira subfase é a diferenciação (4 a 9 meses), marcada pelo afastamento do bebê do corpo da mãe para examiná-la. A segunda subfase é denominada de exploração (10 a 16 meses), em que num um primeiro momento destaca-se a habilidade do bebê de afastar-se fisicamente da mãe, seja engatinhando, ficando em pé, cambaleando, sem, no entanto, desligar-se dela. Em seguida, dá-se a locomoção livre e direta. A terceira subfase é a reaproximação (17 a 24 meses), que se caracteriza pela capacidade do bebê de afastar-se fisicamente da mãe o que, porém, provoca certo grau de ansiedade de separação, o que gera uma necessidade no bebê de reaproximar-se da mãe. A quarta subfase é denominada de consolidação da individuação e constância de objeto emocional (25 a 36 meses). As conquistas que caracterizam esta subfase se dão pela internalização de uma imagem positiva da mãe, que permitirá que a criança substitua a presença da mãe por uma imagem interna confiável.

Ainda apresentando as contribuições de autores para o entendimento da relação mãe-bebê, destacam-se as produções de Victor Guerra (2014a), que afirma que o período de 0-2 anos é um dos momentos mais revolucionários da vida do ser humano. Inicialmente se estabelece uma dependência absoluta, pois o bebê ainda não apresenta autonomia. Deste modo, o bebê precisa encontrar no outro uma maleabilidade lúdica, que lhe permita construir sua vida psíquica: expressar seus desejos, integrar suas vivências da mente e do corpo, explorar e tolerar sua adaptação à realidade, e poder elaborar situações angustiantes. Guerra (2014a, 2014b) contribuiu muito com o estudo do desenvolvimento dos bebês, apresentando o que ele chamou de *indicadores de intersubjetividade (0-12 meses)*, essenciais na construção do processo de subjetivação. Guerra (2014a)

define subjetivação como a experiência de fazer algo subjetivo, passando a dar um sentido à experiência em relação a si mesmo.

Os indicadores de intersubjetividade, comentados pelo autor no filme “Do encontro de olhares ao prazer de jogar juntos”, demonstram a importância da interação mãe-bebê, desde o início do desenvolvimento do bebê e serão listados a seguir: 1) Encontro de olhares e a sustentação corporal (0-2m); 2) Protoconversações (jogos cara a cara, 2m); 3) O papel da imitação; 4) Jogos de cócegas e suspense (3-5m); 5) Vocativos atencionais (5-12m); 6) Deslocamento no espaço e olhar referencial (5-7m); 7) Atenção conjunta – objeto tutor (6-9m); 7) Jogo de esconde-esconde (8m); 9) Sintonia Afetiva (9-12m); 10) Interludicidade (8-12m); e 11) Assinalamento protodeclarativo e narratividade conjunta (12m) (Guerra, 2014a).

Frente à importância da interação entre mãe e bebê e suas possíveis mudanças ao longo do tempo, o presente estudo busca investigar as características da interação mãe-bebê, além de descrever as mudanças que ocorrem na interação, ao longo dos dois primeiros anos de vida do bebê.

## MÉTODO

O estudo apresentou um delineamento longitudinal, que envolveu três fases de coleta de dados, permitindo investigar a evolução da interação da díade mãe-bebê aos 8, 14 e 20 meses de vida do bebê.

## Participantes

Participaram deste estudo uma díade mãe-bebê, que foi selecionada aleatoriamente dentre os participantes do Projeto CRESCI - Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: Estudo longitudinal do sexto mês de vida do bebê ao final dos anos pré-escolares, 2010-2016. (PICCININI *et al.*, 2016)<sup>1</sup>. No início do estudo a mãe possuía 30 anos de idade, ensino superior completo, casada. O bebê, um menino primogênito, com 8 meses.

<sup>1</sup> Este estudo iniciou em 2011, acompanhando 77 famílias, dentre estas 29 com bebês que frequentavam a creche (Grupo 1) e 48 de bebês que eram cuidados prioritariamente pela mãe ou por outros cuidadores, como babá e familiares (Grupo 2). Além das famílias, o estudo também contou com a participação de 18 educadoras de duas creches. O projeto envolve duas etapas de coleta de dados. A Etapa I, com quatro fases de coleta de dados: 6º, 12º, 18º e 24º mês de vida do bebê. A Etapa II, com três fases de coleta de dados, 3º, 4º e 5º anos da criança. Ao longo deste período, o desenvolvimento dos bebês foi avaliado e foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, questionários e escalas com as mães e com os pais, visando avaliar sua percepção sobre o desenvolvimento da criança, bem como a qualidade do ambiente familiar. Foram também realizadas filmagens da interação livre mãe-bebê e pai-bebê. Por sua vez, a qualidade das creches também foi avaliada, e as educadoras preencheram escalas e questionários sobre sua percepção a respeito da adaptação da criança à creche e do seu desenvolvimento. Para fins do presente estudo, foram analisadas as filmagens realizadas na primeira etapa do projeto, envolvendo as três primeiras fases de coleta de dados: 6º, 12º, 18º mês.

## **Instrumento**

**Ficha de dados demográficos da família:** visa obter dados demográficos, por exemplo, idade da mãe e do companheiro, estado civil, escolaridade, profissão, existência de outros filhos, tempo de trabalho etc.

**Observação da interação mãe-bebê no 6º mês, 12º mês e 18º mês:** trata-se de uma sessão de observação, com duração de 30 minutos, realizada no Laboratório de Observação de Processos Interativos – LOPI, do Instituto de Psicologia da UFRGS. Em uma sala de aproximadamente 20m<sup>2</sup>, havia quatro cadeiras, um tatame de EVA com 4m<sup>2</sup>, revistas e brinquedos armazenados numa caixa transparente. Ao início da sessão, foi solicitado às mães que interagissem livremente com seu filho, como faziam normalmente quando estavam juntos.

## **Procedimento de Coleta de Dados**

A coleta foi realizada pela equipe do Projeto CRESCI, nos anos de 2011 e 2012. Por volta dos 6 meses de vida da criança, as famílias foram convidadas a participar do projeto. Aquelas que aceitaram preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a Ficha de dados demográficos da família. Poucos dias depois, no segundo encontro, realizou-se a Observação da Interação Mãe-Bebê – 6º mês. Após 6 e 12 meses da primeira fase, as famílias foram novamente contatadas. Nessas fases também foram realizadas a Observação da Interação Mãe-Bebê – 12º mês e 18º meses.

## **Procedimento de Análise de Dados**

Para fins de análise das características da interação mãe-bebê nas três fases, foram considerados os intervalos entre os minutos 15 e 25 das sessões de observação. Ao observar a gravação, foi identificado o início do episódio interativo. Para essa definição, foi considerado o início do episódio interativo quando houve resposta do comportamento emitido, ou seja, um dos membros da díade emitiu um comportamento, e o outro respondeu e passou a interagir, nesse momento iniciou-se a interação; o fim da mesma foi considerado quando um dos membros da díade deixou de responder aos comportamentos apresentados em relação ao outro (Pedrosa & Carvalho, 2005). Após a identificação do episódio interativo, indicou-se a duração de cada episódio e foi realizado o registro curativo. Neste registro, priorizou-se a sequência dos comportamentos interativos da dupla e o modo como a interação sustentava-se ao longo do tempo. Após, buscou-se identificar os comportamentos que caracterizavam a interação entre a díade, em cada fase de coleta de dados.

## Considerações Éticas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Protoc. N° 2010070) e pelo Comitê de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Protoc. N° 100553).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados respeitando a sequência das fases da coleta de dados, as quais foram nomeadas de fase 1, 2 e 3. A cada fase são apresentados dados gerais sobre a díade e exemplos que caracterizam a interação entre a díade. Esta análise será realizada juntamente com a discussão.

### Fase 1

Nesta fase da coleta de dados, o bebê estava com 8 meses de idade, era capaz de se manter sentado sobre o tatame, parecia estar seguro nesta posição, porém, para engatinhar, ainda necessitava da ajuda da mãe, que estimulava o bebê e o ajudava neste processo. O bebê pegava objetos que estavam à sua volta para explorar. De acordo com Guerra (2014b), esses comportamentos do bebê de manter-se sentado e de buscar objetos que estão à sua volta podem ser chamados de deslocamento no espaço e olhar referencial pois, segundo este autor, quando o bebê consegue ficar sentado, ele passa a ter uma visão diferente do mundo e das coisas que estão em seu entorno; o bebê inicia uma movimentação para alcançar o que deseja.

Durante a observação, pode-se verificar que a mãe ficava em volta do tatame, se reposicionando para acompanhar os movimentos do bebê, além de propor atividades a ele. Nestas interações, o bebê se mexia, como se tentasse se arrastar sobre o tatame e, às vezes, balançava os braços. Ao considerar o processo de separação-indivuação proposto por Mahler (1982), pode-se pensar que o bebê possui características da subfase de diferenciação, momento em que o bebê passa a ter uma experiência de separação da mãe, iniciando sua libertação em relação ao corpo da mãe. Até então, era um bebê de colo e, neste momento, começa a afastar-se, seja arrastando-se na tentativa de atingir objetos próximos, seja engatinhando.

A mãe, em diversos momentos, conversou com o bebê e o mesmo respondeu sorrindo. Segundo Spitz (1988), o sorriso social é o primeiro organizador da personalidade desenvolvido pelo bebê, marcando o final do estágio da diferenciação (Mahler, 1982) em que o bebê experimenta o que foi conquistado até então e quando a estrutura do ego começa a fortalecer-se.

Nesta fase, a interação entre mãe e bebê apresentou 19 episódios de interação, sendo que o maior teve a duração de 1 minuto e 36 segundos, e o menor teve a duração de 7 segundos (média de tempo dos episódios 31 segundos).

## Características da interação da díade

Na observação da interação que ocorreu na Fase 1, foi possível caracterizar os comportamentos da mãe como sendo de uma mãe consciente dos sinais do filho, porém, também de uma mãe que exerce controle e interferência nas atividades do mesmo. Segundo Pederson, Moran e Bento (2013), a mãe que está consciente dos sinais do filho se esforça, durante a observação, para posicionar-se, a fim de facilitar o acesso aos sinais da criança. Independente de dar uma resposta, essa mãe se mostra atenta aos sinais e necessidades da criança. Ainda, de acordo com os autores, a mãe com tais características age de acordo com seu próprio interesse, apesar de saber que os desejos da criança não estão em conformidade com os dela.

Em alguns momentos da observação, verificou-se que a mãe incentiva o bebê a pegar determinado brinquedo, por vezes, não possibilitando que ele tivesse livre escolha ou que suas sutis manifestações de interesse por algum objeto ou atividade fossem exploradas. Este comportamento pode ser visto, por exemplo, no terceiro episódio: *“mãe observa o bebê manusear o xilofone por um longo período (aproximadamente 20 segundos) e, em seguida, chama sua atenção apontando para a bola e falando: ‘Patati Patatá!’ Bebê explora o xilofone, a mãe chama a atenção para a bola: ‘Patati, Patatá!’ Bebê tenta pegar a bola, mas volta a atenção ao xilofone”*. Na sequência, a mãe segue sem respeitar o interesse de seu filho, *“mãe chama a atenção para a bola falando diversas vezes: ‘Patati, Patatá’ e, enquanto isto, rola a bola da sua direita para a esquerda, em frente ao bebê. Neste momento o bebê olha para a mãe e continua brincando com o xilofone”* (quarto episódio).

Porém, em outros momentos, a mãe consegue parar e observar as atividades realizadas pelo bebê, como pode-se perceber no episódio oito: *“mãe faz um comentário e passa a somente observar, permitindo que o bebê explore o xilofone, bebê vocaliza tentando pegar o xilofone”*. Segundo Guerra (2014a), deve-se abrir um espaço para que o bebê mostre sua perspectiva e sua maneira de explorar os objetos, respeitando seu tempo e seu ritmo. Os momentos em que a mãe observada consegue parar e observar a forma de brincar de seu filho, indicam que, apesar das interferências que ela exerce, há a capacidade de reconhecer que seu filho é ativo e possui interesses próprios.

Há um momento na interação em que o bebê parece não gostar da atividade proposta pela mãe (episódio dez): *“ a mãe convida bebê para brincar com carrinho, empurra o carrinho na direção do bebê, emite som de carro, encosta o carrinho no pé dele e volta. Estimula, através da fala, que o bebê pegue o carrinho. O bebê observa e estica as mãos em direção ao carrinho. A mãe posiciona o carrinho ao seu lado e convida o bebê a aproximar-se, estica os braços e diz: ‘Vem com a mamãe’. O bebê observa e bate as mãos nas pernas. A mãe fala de novo: ‘Vem pegar o carrinho, vem pegar a bolinha’ (que está em cima do carrinho) e o bebê grita. A mãe diz: ‘O que foi? A mãe ajuda, vem’*. Coloca o bebê

em posição para engatinhar e segue pedindo para ele aproximar-se do carrinho. *Bebê estica a mão em direção ao carro. Em seguida, ele olha para o lado e pega uma boneca que está próxima dele*". Neste episódio, o grito do bebê pareceu ser de incômodo, quando a mãe diz várias vezes para ele pegar o carrinho, no intuito de fazê-lo engatinhar. A mãe parece não gostar, mas aceita que o menino brinque com a boneca ao invés do carrinho, como pode ser visto no episódio seguinte (onze): *"bebê pega a boneca. Mãe: 'achou a menina, achou a bonequinha'. Mãe se mantém em silêncio observando o filho. O bebê explora a boneca"*. Nesta sequência, de episódios pode-se verificar a mãe oscilando entre interferir na atividade do filho e respeitar a vontade dele. Em uma situação ela parece determinada a fazê-lo engatinhar, talvez para ver as aquisições desenvolvimentais do filho, ou talvez por estar em um ambiente de observação e querer mostrar as competências dele aos pesquisadores. Já, em seguida, ela pára e fica observando o bebê explorar a boneca, como um sinal de respeito à escolha do filho.

Somado a essas duas formas de interagir que parecem marcar a interação da dupla na Fase 1, em alguns momentos, percebe-se que a mãe é capaz de entrar na brincadeira que o filho propõe. Comportamento que pode indicar o potencial para interagir com seu filho de outra maneira que não guiando, como pode ser visto no episódio sete: *"bebê toca no xilofone. Mãe: 'Muitos brinquedos, né? Bebê toca no xilofone. Mãe se balança/dança ao ouvir o som do xilofone tocado pelo bebê. A mãe fala: 'toca para eu dançar'. O bebê vocaliza e a mãe diz: 'é? Bebê estica os braços em direção a mãe e sorri. Mãe faz um comentário e passa a somente observar"*.

O bebê recebe incentivo da mãe para explorar determinados objetos, por vezes, escolhidos por ela, outras vezes, o bebê dirige o olhar para o brinquedo e a mãe conduz o bebê até este determinado objeto, ou conduz a brincadeira em relação ao objeto focado pelo olhar do bebê, numa forma de reconhecimento dos interesses do filho, como pode ser visto no episódio quatorze: *"bebê olha na direção do carrinho e a mãe diz: 'vamos lá pegar o carro, a mamãe te ajuda'. Mãe incentiva que ele vá até o carrinho"*.

Em outros momentos, o bebê olha determinado brinquedo, e a mãe pega o mesmo para que possam interagir. Segundo Guerra (2014b), este comportamento pode ser denominado de *Atenção Conjunta*. De acordo com o autor, o bebê busca captar a atenção da mãe para obter o que deseja através do olhar. O bebê mostra muito mais interesse nos objetos que pode brincar e demonstra este interesse através da sua experiência de atenção com a mãe. Episódio quinze: *"o bebê olha para a caixa de brinquedos e a mãe deixa de oferecer o carrinho e diz: 'na caixa, então, vamos, vamos'. A mãe ajuda o bebê a chegar, ele engatinha e a mãe diz: 'isso, isso, isso, pronto, muito bem'. A mãe levanta o bebê para que ele consiga ver o que tem na caixa e pergunta: 'Que mais tu queres?'"*.

O bebê, por diversas vezes, foca sua atenção na mãe, ela oferece brinquedos e brinca com ele. Segundo Guerra (2014b), este comportamento da mãe pode ser denominado de *Atenção Conjunta Transicional*, pois a mãe está permitindo uma abertura para a criação do espaço intersubjetivo entre eles (mãe-bebê).

Apesar de na Fase 1 a mãe parecer, em vários momentos, exercer controle e interferência nas atividades e interesses do filho, é possível pensar que, neste momento, do desenvolvimento, no qual o bebê ainda não apresenta destreza motora para a exploração, o universo do mesmo se amplia quando a mãe apresenta objetos para ele, pois entram como terceiros na relação e vão sendo descobertos pelo bebê (Guerra, 2014a).

## **Fase 2**

Neste segundo momento da coleta de dados, a criança estava com 14 meses e já conseguia caminhar, explorando a sala e os brinquedos, comunicava-se com a mãe através de balbucios, os quais a mãe conseguia entender. Segundo Guerra (2014a), os balbucios podem ser denominados de *Protoconversações*, e ocorrem quando o bebê começa a produzir sons com a intenção de se comunicar.

A mãe, durante a observação, passou todo o tempo sentada sobre o tatame, no mesmo lugar, e a criança em movimento, explorando a sala, os objetos e brinquedos. A busca pela interação por parte da mãe foi predominantemente verbal. Segundo Guerra (2014b), por volta do segundo semestre de vida o vínculo estabelece-se quase sem contato físico, o prazer do encontro se dá através da palavra e de um jogo com um determinado objeto, ou de uma brincadeira, em que parte do processo de subjetivação está no jogo com o outro, em que origina-se um suporte afetivo, quase tão importante quanto o contato físico.

A interação observada na Fase 2 apresentou 16 episódios interativos, sendo que o maior teve a duração de 2 minutos e 21 segundos, e o menor teve a duração de 12 segundos (média de tempo dos episódios 37 segundos).

## **Características da diáde**

Na Fase 2 de coleta de dados, os comportamentos da mãe demonstraram que ela permitia que o filho tivesse mais autonomia, ele conseguiu conduzir os episódios interativos, porém, em alguns momentos, a mãe tentou interferir, mas respeitou a vontade e a ação do filho e o mesmo conseguiu explorar o que desejava. Guerra (2014a) fala da importância de respeitar o tempo e o ritmo propostos pela criança para que ela possa se desenvolver à sua maneira: processo fundamental para a construção do sujeito.

Nesta fase, foi possível verificar que a mãe permitiu que o filho estabelecesse o ritmo e o conteúdo da interação. Como pode-se perceber no episódio sete: *“A criança vira-se e começa a bater na cadeira. Mãe: ‘não pegou a bola que a mãe te pediu’. O menino bate com as mãos nas cadeiras, depois na parede e volta a bater na cadeira. Enquanto isso, a mãe observa. A criança aproxima-se da caixa de brinquedos que está ao lado da cadeira e pega uma boneca da caixa. Mãe: ‘a menina, dá um abraço na menina’. O menino solta a boneca no chão, e começa a mexer na cadeira. Mãe: ‘tu viu que a boneca está de sandália? Tu olhou o pezinho dela? Vem cá, olha o pezinho da menina’. O menino olha para a boneca que está no chão. A mãe pega a boneca”*.

Nesta fase, a mãe também se mostra carinhosa com o filho, pois pega-o no colo e beija-o. Tais manifestações de carinho parecem ser mais explícitas entre a díade nesta Fase, “O menino levanta-se, desequilibra-se, cai e chora-minga. Mãe: ‘o que foi meu amor, bateu a cabeça? Vem cá, deixa eu arrumar tua sandalhinha’. O menino senta no colo da mãe. A mãe pega a boneca e diz: ‘o menina, tu tava nanando com o Lucas?’” A mãe dá beijo na boneca. Mãe: ‘deixa eu dar um beijo no Lucas.’” (episódio 16). Bowlby (2002) afirma que um forte vínculo entre a díade se estabelece por volta do primeiro ano de vida, mas que a intensidade varia de criança para criança. Para este autor, a vinculação inicial estabelecida pela díade vai-se perpetuar nos anos seguintes. Quando a díade consegue estabelecer um apego seguro, nesta fase inicial, a criança consegue distanciar-se da mãe com mais facilidade e adaptar-se a novos ambientes.

Sabe-se que o contato físico e as manifestações de carinho entre a díade não revelam a qualidade do vínculo que está sendo construído pela dupla observada. Contudo, a observação da Fase 2 permite pensar que tal construção está acontecendo de maneira adequada, uma vez que é possível observar uma criança que consegue se distanciar da mãe e, com o passar do tempo, tem interesse por retomar o contato. Além disto, há uma mãe disponível aos chamados do filho (Bowlby, 2002).

Na Fase 2, a criança explorou os brinquedos com um pouco mais de autonomia, sendo capaz de sinalizar para a mãe o que desejava, além de fazer suas escolhas em relação ao brinquedo que iria intermediar a interação entre ele e a mãe. Segundo Guerra (2014b), esse comportamento pode ser denominado de *assinalamento protodeclarativo*, o qual se dá quando a criança, através de um objeto, busca captar a atenção de outra pessoa sobre este objeto, com o objetivo que o outro compartilhe com ele seu interesse, como pode-se ver no episódio um: “O menino explora a caixa. A mãe observa. O menino retira a tampa da caixa e mexe nos brinquedos. A mãe segura a tampa. O menino. A mãe entrega a tampa para o menino. O menino coloca a tampa sobre a caixa”.

É possível perceber que o filho, mesmo passando a ter uma participação mais ativa na interação, continua tendo a mãe como guia das suas ações. Esse comportamento, segundo Mahler (1982), pode ser observado durante a subfase de exploração, na qual a criança passa a ter uma habilidade para se afastar fisicamente da mãe, sem, no entanto, desligar-se desta, como pode-se ver no episódio três: “A criança mexe no cano que tem na parede. Mãe: Não, Lucas, pega a bola, pega a bola, chuta a bola”. A criança pega a cadeira que está ao lado da bola. Mãe: ‘A cadeirinha não, filho, a gente já brincou com a cadeirinha, vamos brincar com outra coisa’. A mãe está sentada sobre o tatame. A criança larga a cadeira e pega a bola.”

O menino também explora o ambiente, por vezes distanciando-se um pouco mais da mãe, indo ao encontro dos brinquedos que ele deseja, passando a ter uma locomoção livre dentro do espaço interativo. De acordo com Mahler (1982), este comportamento também exemplifica a subfase de exploração, caracteriza-

---

<sup>2</sup> Nome fictício.

da pela locomoção livre e direta da criança. Estas explorações e conquistas são fundamentais para a formação da individualidade e da identidade da criança.

Em alguns momentos, a criança vocaliza sinalizando para a mãe o que deseja, ou o que não quer fazer, como pode ser visto no episódio doze: *“O menino caminha em direção à caixa de brinquedos, mexe no livro que está dentro da caixa. Mãe: ‘senta aqui, filho’. O menino vocaliza, e continua mexendo na caixa. A mãe diz: ‘o patinho amarelinho é o nome desta história’. O menino vocaliza. A mãe observa sentada no tatame”*. Verifica-se que a mãe tenta interferir, porém o filho consegue sinalizar o que deseja e ela respeita. Nesta fase, pareceu que as escolhas dele estavam mais voltadas para os objetos, e não tanto para a mãe, o que pode representar um comportamento nomeado por Guerra (2014b) de *Interludicidade*, que indica a capacidade da criança em alternar entre a atenção para a mãe (ambiente humano) e a atenção para os objetos. É fundamental que os objetos (brinquedos) sejam incluídos nas interações da díade, pois permitem que as trocas fiquem mais complexas.

É possível perceber que a criança também aceita entrar na brincadeira proposta pela mãe, como pode-se ver no episódio 15: *“O menino pega a boneca. Mãe: ‘viu a mão da menina?’. O menino vocaliza. Mãe: ‘cadê a barriga da menina?’ O menino vocaliza. Mãe: ‘aqui, oh!’ A mãe pega a boneca e mostra para o filho onde é a barriga. Mãe: ‘Vamos ver as partes da menina. Cadê o cabelo da menina?’ O menino coloca a mão no seu cabelo. Mãe: ‘o da menina, o cabelo da menina, cadê?’ O menino aponta para a barriga da boneca. Mãe: ‘tá aqui o cabelo dela, bem bonito, bem loiro’. Mãe: ‘cadê o olho da menina?’ O menino pega na sua própria orelha. Mãe: ‘não, o olho meu amor, o olho’. A mãe coloca seu dedo sobre o olho do filho e diz: ‘o olho da menina, aqui’. A mãe coloca seu dedo sobre o olho da boneca. O menino coloca o dedo sobre o olho da boneca. Mãe: ‘isso’. Mãe: ‘e a boca da menina?’. O menino coloca a mão na sua boca. Mãe: ‘essa é a boca do Lucas’. [...] E a cabeça da menina?’. O menino se levanta segurando a boneca e caminha sobre o tatame, deita com a boneca sobre o tatame coloca a sua cabeça em cima do corpo da boneca. Mãe: ‘aí, vai nanar com ela, que querido”*.

Ao analisar a Fase 2, foi possível observar uma dupla que está se conhecendo e achando a melhor forma de interagir. Se por um lado havia uma criança mais ativa durante a interação, fazendo valer seus interesses, por outro havia uma mãe observadora, que tentava guiar a atenção e as ações do filho verbalmente, mas sem necessariamente controlá-las.

### Fase 3

Nesta terceira fase de coleta de dados, a criança estava com 20 meses, explorava os brinquedos, apresentava um desenvolvimento parcial da linguagem, conseguindo falar algumas palavras como “papai”, “mamãe” e “neném”, algumas ainda não demonstravam uma pronúncia clara, como “apoo” “bano” “roto” (shampoo, banho e rosto). A mãe, durante a observação permaneceu sentada sobre o tatame, incentivava a fala do filho dizendo a palavra certa ou falava parte

da palavra para que o filho falasse o restante. Segundo Guerra (2014a), com o passar dos dois primeiros anos, a independência vai sendo construída, mas a criança depende desta outra pessoa para adquirir capacidade simbólica de linguagem e de pensamento.

Na Fase 3, ocorreram 11 episódios de interação, em que o maior teve a duração de 3 minutos e 8 segundos, e o menor teve a duração de 13 segundos (média de 1 minuto). Pode-se pensar que as conquistas relacionadas à fala da criança foram um fator que influenciou nas interações estabelecidas entre a díade.

## Comportamentos da díade

Na Fase 3, há um repertório maior de comportamentos apresentados pela mãe em relação ao filho, que permite que ele explore com mais liberdade o que deseja e, por muitas vezes, a mãe estimula e entra na brincadeira proposta por ele, como pode-se perceber no episódio sete: “O menino coloca a boneca na caixa e diz: ‘banho!’ Mãe: ‘banho’. Menino: ‘sim’. Mãe: ‘outro banho’. Menino: ‘sim’. Mãe: ‘a, ta’. O menino coloca a panelinha em cima do fogão, levanta-se e pega o shampoo. Menino: ‘apoo’. Mãe: ‘vai passar shampoo’. Menino: ‘ta’. Mãe: ‘aonde’. O menino aponta o shampoo para a boneca que está dentro da caixa e balbucia. Mãe: ‘no neném?’”. O menino alcança o shampoo para a mãe. A mãe coloca o shampoo na cabeça da boneca. O menino pega a boneca no colo. Mãe: ‘dá, um beijinho nele filho’. O menino beija a boneca. Mãe: ‘ai, que bonitinho’”. O que indica que com o passar do tempo as trocas vão aumentando e vão permitindo o aumento da afetividade e complexidade da interação.

Também no episódio nove, é possível verificar a disponibilidade da mãe em participar da brincadeira proposta pelo bebê: “O menino entrega martelo para a mãe. Mãe: “a mamãe vai bater na bolinha amarela”. Menino: ‘isso’. Mãe: ‘agora na vermelha’. Mãe bate com o martelo na bolinha vermelha, e diz: ‘muito bem’. O menino pega a bolinha que está dentro da caixa, coloca sobre o xilofone. Mãe: ‘acho que essa ai não dá, né?’ Mãe e filho sorriem. O menino coloca a bolinha na caixa. Mãe: ‘olha ali, a letra A’. A criança olha as letras. Mãe: ‘A’ Menino: ‘C, D’ Mãe: ‘isso, A, B, C, D’”.

Nesta fase, as escolhas do menino ficam mais evidentes, ele manifesta de uma forma mais clara o que deseja, e realiza suas escolhas de uma maneira mais segura, pois a mãe consegue acompanhar a brincadeira proposta por ele como pode-se ver no episódio dez: “o menino pega a boneca e balança-se segurando a boneca. Mãe: ‘ta dançando com ela?’ O menino toca no xilofone. Mãe: ‘a mãe toca e tu dança com o neném’. Menino: ‘ta’. Mãe toca e canta ‘fly, flay, flu’.” Guerra (2014a) denomina este comportamento da mãe de *experiência lúdica*, pois a disponibilidade da mãe em compartilhar das vivências do filho é fundamental para a construção dos processos de simbolização da criança. Segundo o autor, a partir do momento em que a mãe se permite entrar na brincadeira do filho, acontecem modificações no seu jeito de sentir e de comportar-se e, por

vezes, essa interação proporciona que a mãe lembre de sua infância, com seus aspectos conscientes e inconscientes, os quais permeiam a relação da díade, ou seja, aspectos da mãe influenciam seu modo de ser e de agir com a criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou avaliar as características da interação entre a díade mãe-bebê, ao longo dos dois primeiros anos de vida do bebê, avaliando as características da interação por meio de um delineamento longitudinal. A análise realizada nas três fases da coleta de dados demonstrou que a interação entre a díade se tornou mais complexa, com episódios interativos mais longos e maior repertório de comportamentos.

A observação permitiu acompanhar a construção por parte da díade da sua forma particular de interagir, o que lembra a “artesanaria” mencionada por Victor Guerra (2017) quando se refere ao processo de subjetivação. Com o tempo, diferentes elementos se entrelaçam produzindo algo único. Vale destacar que, quando fala-se em passagem do tempo, não está se falando apenas em tempo cronológico, mas também em uma mãe que, pouco a pouco, conhece o seu filho e a si-mesma na interação com uma criança que está em constante desenvolvimento, apresentando novas capacidades, sejam motoras, emocionais ou de linguagem, utilizadas na relação da dupla que se conhece, cada vez mais, à medida que interage.

Nesta análise foi possível identificar mudanças e continuidades no modo da dupla interagir. Dentre as características que se mantiveram, pode-se destacar o comportamento da mãe que, em todas as fases, pareceu estar consciente dos sinais emitidos pelo filho, além de responder às necessidades dele, mostrando-se uma mãe continente, e disponível.

Com relação às mudanças, destaca-se a evolução positiva dos comportamentos da mãe que, na fase 1, teve uma conduta de controle e interferência, em que ela decidia as atividades que promoviam a interação. Já, na fase 2, a mãe foi capaz de dar mais autonomia ao filho e respeitar o ritmo e o conteúdo da interação proposto por ele, que sinaliza com maior clareza o que deseja. O bebê caminha e consegue explorar ainda mais o ambiente em comparação à fase 1, sendo capaz de ir ao encontro do que chama a sua atenção, e buscar os brinquedos que deseja. A mãe se distancia e deixa o filho explorar os brinquedos e, em diversos momentos, fazer suas escolhas. Nota-se que tal distanciamento não está relacionado à abandono e, sim, à distância necessária para observar e, possivelmente, conhecer mais sobre seu filho. Na fase 3, nota-se que a mãe entra nas brincadeiras propostas pelo filho, mostra-se disponível para a interação através do que o filho propõe, o que permitiu que a interação ficasse mais rica.

Ainda com relação às mudanças observadas, nota-se que as aquisições próprias do desenvolvimento infantil, por exemplo, a conquista da marcha, a capacidade de se expressar por palavras, trouxeram outras possibilidades de interagir. Ao poder se locomover, o filho teve mais possibilidade de explorar

o ambiente, sem necessitar da mãe para tanto. Ao conseguir falar, mãe e filho tiveram à disposição outra ferramenta de interação, que possibilitou trocas mais ricas. Sendo assim, vários fatores parecem ter contribuído para as mudanças na forma de interagir da díade observada.

Além das reflexões acerca da interação entre mãe-bebê, o presente trabalho possibilitou refletir sobre questões metodológicas, em especial o método de observação, uma vez que as observações foram realizadas em laboratório e com um recorte pequeno no tempo. É possível pensar que a mãe demonstrou características de controle e interferência em relação ao bebê, devido ao fato de estar sendo observada e, por isso, ter comportamentos visando promover a interação. Com relação ao recorte limitado no tempo de análise em cada fase, isto pode ter feito com que cada comportamento ganhasse um peso ou importância maior do que teria se o tempo de observação fosse mais longo. Sendo assim, sugere-se que futuros estudos sejam realizados em um ambiente em que a dupla esteja mais familiarizada, para que a interação aconteça da forma mais natural possível.

## Referências

- Bowlby, J. (2002). *Apego. A Natureza do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações Clínicas da Teoria do Apego*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Guerra, V. (2014a). Indicadores de Intersubjetividade 0-12 Meses: del encuentro de miradas al placer de jugar juntos (Parte I). *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise*, 16(1), 209-235.
- Guerra, V. (2014b). Indicadores de Intersubjetividade 0-12 Meses: del encuentro de miradas al placer de jugar juntos (Parte II). *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise*, 16(2), 411-435.
- Guerra, V. (2017). O ritmo, a musicalidade comunicativa e a lei materna na artesanaria da subjetivação humana. *Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência*, 26, 8-21.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pederson, D. R.; Moran, G.; Bento, S. (2013). *The maternal behaviour q-sort (MBQS): Assessing maternal sensitivity and the quality of mother-infant interaction*. University of Western Ontario.
- Pedrosa, M. I., Carvalho, A. M. A. (2005). Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 431-442.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Becker, S. M., Martins, G. F., Gabriel, M. G., Polli, R. G. & Tudge, J. (2016). "Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: Estudo longitudinal do sexto mês de vida do bebê ao final dos anos pré-escolares, 2010-2016" – CRESCI. Projeto de pesquisa não publicado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Ribas, A. F. P.; Moura, M. L. S. (2003). Responsividade Materna: Levantamento Bibliográfico e Discussão Conceitual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 137-145.
- Spitz, R. A. (1988). *O Primeiro Ano de Vida*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes.